

Entrevistando Flavia Rios: Um olhar sobre os feminismos negros a partir dos estudos de raça e gênero no Brasil e na América Latina

Mayara Nicolau de Paula

FAL / UFMG

Patrícia Lânes

PPCIS / UERJ

Entrevistando Flavia Rios: um olhar sobre os feminismos negros a partir dos estudos de raça e gênero no Brasil e na América Latina

Resumo

A entrevista com a socióloga brasileira Flavia Rios teve como objetivo central ouvi-la acerca de suas contribuições para os estudos raciais e de gênero no Brasil, privilegiando seu trabalho sobre a intelectual e militante Lélia Gonzalez e os debates contemporâneos acerca de feminismos negros e interseccionalidade. A entrevista foi realizada por meio de uma troca de mensagens via correio eletrônico. As questões foram formuladas a partir de discussões entre as duas entrevistadoras, pesquisadoras de diferentes áreas do conhecimento (Antropologia e Linguística), porém com grande interesse no debate sobre feminismos negros. Foi proposta uma divisão em três grandes frentes: (i) trajetória acadêmica e pessoal de Flavia Rios, (ii) seus estudos sobre vida e obra de Lélia Gonzalez e (iii) questões sobre feminismo negro e interseccionalidade. Flavia faz uma breve apresentação pessoal para, em seguida, partir para os temas relativos a seu interesse no trabalho de Lélia Gonzalez e como isso se desdobrou em recentes publicações e aprofundamento na vasta produção da pensadora. Na parte final, destaca-se a discussão sobre interseccionalidade e como essa noção vem sendo concebida como ferramenta de intervenção política por todas e todos que se interessam pelos avanços do feminismo, em especial o feminismo negro e latino-americano.

Palavras-chave: Feminismo Negro; Lélia Gonzalez; Interseccionalidade.

Entrevistando a Flavia Rios: una mirada a los feminismos negros a partir de estudios de raza y género en Brasil y América Latina

Resumen

El objetivo principal de la entrevista con la socióloga brasileña Flavia Rios fue escucharla sobre sus aportes a los estudios raciales y de género en Brasil, centrándose en su trabajo sobre la intelectual y activista Lélia Gonzalez y los debates contemporáneos sobre los feminismos negros y la interseccionalidad. La entrevista se realizó mediante un intercambio de mensajes por correo electrónico. Las preguntas se formularon a partir de discusiones entre las dos entrevistadoras, investigadoras de distintas áreas de conocimiento (Antropología y Lingüística), pero con gran interés en el debate sobre los feminismos negros. Se propuso una división en tres frentes principales: (i) la trayectoria académica y personal de Flavia Rios, (ii) sus estudios sobre la vida y obra de Lélia Gonzalez y (iii) cuestiones sobre el feminismo negro y la interseccionalidad. Flavia hace una breve presentación personal para luego pasar a temas relacionados con su interés por la obra de Lélia González y cómo eso se desdobló en publicaciones recientes y en una profundización de la vasta producción de la pensadora. En la parte final, se destaca la discusión sobre la interseccionalidad y cómo esta noción ha sido concebida como una herramienta de intervención política por parte de quienes se interesan en los avances del feminismo, especialmente del feminismo negro y latinoamericano.

Palabras clave: Feminismo Negro; Lélia Gonzalez; Interseccionalidad.

Interviewing Flavia Rios: a look at black feminisms from the perspective of race and gender studies in Brazil and Latin America

Abstract

The interview with Brazilian sociologist Flavia Rios aimed to listen to her about her contributions to racial and gender studies in Brazil, focusing on her work on the intellectual and militant Lélia Gonzalez and the contemporary debates about black feminisms and intersectionality. The interview was conducted through an exchange of messages via e-mail. The questions were formulated based on discussions between the two interviewers, researchers from different areas of knowledge (Anthropology and Linguistics), but with great interest in the debate on black feminisms. A division into three major fronts was proposed: (i) Flavia Rios's academic and personal trajectory, (ii) her studies on the life and work of Lélia Gonzalez and (iii) questions about black feminism and intersectionality. Flavia makes a brief personal presentation and then moves on to topics related to her interest in the work of Lélia Gonzalez and how these studies resulted in recent publications and an extending study of the thinker's vast production. In the final part, the focus is on the discussion about intersectionality and how this notion has been conceived as a tool of political intervention by all the ones interested in the advances of feminism, especially black feminism in Latin America.

Keywords: *Black Feminism; Lélia Gonzalez; Intersectionality*



A socióloga brasileira Flavia Rios é hoje uma das referências para aquelas e aqueles que pretendem conhecer a produção intelectual negra do país. Formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), Flavia se interessou pela intelectual e ativista Lélia Gonzalez ainda na graduação e, desde então, vem estudando sua obra e trajetória. Mestre e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, além dos trabalhos sobre Lélia Gonzalez, que incluem a publicação de dois livros, Flavia Rios possui vasta produção acadêmica sobre teorias interseccionais, relações raciais e de gênero, Ditadura Militar e democracia, educação e políticas de ações afirmativas no ensino superior.

Ela atuou no comitê científico do Latin American Anti-racism in a 'Post-Racial' Age (LAPO-RA) entre 2017 e 2018 e atualmente integra o Comitê Científico do AFRO/CEBRAP, participa do projeto “Vozes do Genocídio da Juventude Negra” (CNPq/ 2019) e coordena o projeto “Gestão municipal da igualdade racial e políticas inclusivas de educação e trabalho no município de Niterói: estudos e ações para sua implementação” (PDPA/FEC, 2020-2022). Flavia também atuou como Visiting Student Researcher Collaborator na Princeton University/ EUA. Atualmente, coordena o grupo Grupo de Estudos e Pesquisa Guerreiro Ramos (NEGRA) na Universidade Federal Fluminense, onde leciona desde 2015 e onde integra a Pós-graduação em Sociologia (PPGS).

As duas entrevistadoras chegaram ao trabalho de Flavia por diferentes caminhos. Patrícia Lânes é antropóloga, pesquisadora de pós-doutorado e bolsista da Capes vinculada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/ UERJ), onde vem investindo em estudos sobre memória coletiva, intervenções urbanas e artísticas e movimentos sociais populares a partir de perspectiva interseccional e de(s)colonial. Conheceu o trabalho da socióloga ainda no doutorado, quando Flavia lecionava na Universidade Federal Fluminense (UFF) onde Patrícia realizava doutorado em Antropologia. O encontro se deu a partir de amigos em comum e pela presença em bancas e eventos acadêmicos que se aliaram ao interesse pelas teorias da interseccionalidade e dos movimentos sociais contemporâneos com recortes racial e de gênero. Aproximou-se ainda mais do trabalho de Flavia Rios através de seu livro mais recente sobre Lélia Gonzalez. Em 2018, Rios foi uma das debatedoras do seminário do grupo de pesquisa CIDADES - Núcleo de Pesquisa Urbana, do qual Patrícia faz parte e cujo seminário ajudou a organizar.

Para Mayara Nicolau de Paula, professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora associada ao DALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços, a aproximação com o trabalho de Flavia Rios deu-se a partir do interesse nos trabalhos sobre Lélia Gonzalez. Mayara trabalha com questões relativas à variação linguística e leciona disciplinas nas quais a história do português brasileiro é pauta constante. A partir de leituras sobre o português, conceito cunhado por Lélia e abordado nesta entrevista, ela se aproxima da bibliografia recente sobre a intelectual organizada por Flavia e encontra outros temas de interesse comum para além da língua; tal como os debates sobre raça, feminismo negro e interseccionalidade. Mayara e Patrícia conheceram-se no DALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços e aproximaram-se a partir de seus interesses acadêmicos e políticos nos debates sobre raça e gênero que também as levaram à entrevista com Flavia.

Flavia Rios aceitou gentilmente o convite para conversar com a Revista Epistemologias do Sul. A entrevista foi realizada através de troca de e-mails no segundo semestre de 2021 e resultou no texto que vocês encontram a seguir. Durante a conversa, ela fala um pouco sobre sua própria trajetória, seu interesse e pesquisas sobre Lélia Gonzalez e algumas das principais contribuições da pensadora para os estudos raciais e de gênero no Brasil, na América Latina e no mundo, além de compartilhar parte de suas reflexões acerca dos feminismos negros e do debate e usos atuais do conceito de interseccionalidade na academia e em múltiplas frentes de luta contra o racismo.



Trajectoria acadêmica e pessoal

Gostaríamos que você iniciasse falando um pouco sobre sua trajetória pessoal e acadêmica. Quais vem sendo seus interesses de pesquisa ao longo do seu caminho? O que te levou a escolher seus temas de pesquisa dentro das Ciências Sociais? Como você chegou às pesquisas sobre protestos negros e de que forma esse tema se insere entre os seus interesses de pesquisa atualmente?

Nasci no sul do Estado do Espírito Santo. Venho das classes populares e, até onde sei, meus antepassados de linhagem paterna e materna sofreram com a experiência da escravidão. Estudei em escolas públicas durante todos os ciclos educacionais e minha graduação e pós-graduação foram realizadas na Universidade de São Paulo. Fui a primeira da minha família a conseguir concluir o ensino superior.

No primeiro ano da faculdade, no curso de Ciências Sociais, ingressei em grupos de discussão e estudos sobre a questão racial. Naquela ocasião, o professor Antônio Sérgio Guimarães – que viria a ser meu orientador – passou a organizar um seminário sobre o tema das relações raciais brasileiras. Ademais, animava um grupo de orientação que estudava intelectuais negros. Nesse ambiente voltado para o entendimento do pensamento e das trajetórias negras, que me interessei pela obra da Lélia Gonzalez e passei a pesquisá-la de forma sistemática e acadêmica.

Atualmente, você coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Guerreiro Ramos (NEGRA) na Universidade Federal Fluminense, onde leciona, além de integrar o AFRO/CEBRAP, coordenando pesquisas sobre temas variados relacionados à realidade de mulheres e homens negros(as) no Brasil e ter integrado o comitê científico do projeto Latin American Anti-racism in a 'Post-Racial' Age (LAPORA, 2017-2018). Você pode nos contar um pouco sobre a proposta dessas e de outras iniciativas das quais você faz parte e o papel delas no desenvolvimento de estudos afro-diaspóricos em níveis local, nacional e internacional?

No âmbito local e regional, busco desenvolver projetos que estudem a dinâmica das relações raciais na cidade do Rio de Janeiro e Região metropolitana. Tenho orientandas/os que entregam o núcleo de estudos Guerreiro Ramos, o Negra. O Negra é um grupo de pesquisa em Ciências Sociais, formado por estudantes de graduação e pós-graduação, que visa o estudo das desigualdades, com foco nas relações étnico-raciais e suas interseccionalidades. O grupo nasceu em 2017 e está sediado no Departamento de Sociologia e Metodologia em Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense e no Programa de Pós-graduação em Sociologia da mesma instituição. Tem atuado na formação acadêmica de pesquisadores em diferentes estágios e tem recebido pesquisadoras estrangeiras para estágio doutoral. O grupo atua em nível nacional associado ao Núcleo de Pesquisa Afro/Cebrap, e em nível municipal atua junto ao Núcleo de Desigualdades Globais da UFF. Atualmente, o Negra está na coordenação do projeto “Gestão da Igualdade Racial no Município de Niterói” (2021-2022), através do qual desenvolve pesquisa e monitoramento das desigualdades educacionais e laborais na referida cidade, por meio de levantamento e análise de dados quantitativos e qualitativos. Ademais, presta assessoria e formação a parlamentares e à burocracia municipal.

No Afro-Cebrap trabalhamos com temas que qualifiquem o debate e a opinião pública, além de desenvolvermos nossas pesquisas coletivas, buscando integrar diferentes áreas de conhecimento e instituições diversas que compõem o núcleo do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – o CEBRAP. Trabalhamos atualmente com justiça racial, desigualdades, memória e movimentos sociais e políticas públicas de igualdade racial.

Flavia Rios, Mayara Nicolau de Paula, Patrícia Lânes



Flavia Rios

As redes internacionais são bastante mediadas pela minha trajetória acadêmica na área das relações raciais e de gênero, especialmente os estudos sobre o feminismo negro. Como especialista dessa área, participo de associações acadêmicas as quais permitem diálogos e parcerias internacionais. Duas delas merecem destaque, a primeira refere-se as atividades desenvolvidas no âmbito da LASA, em mesas, seminários, projetos etc. A segunda delas tem a ver com a rede tricontinental que envolve os países do Sul Global, em particular com países da América Latina, da Ásia (notadamente a Índia) e países africanos (com destaque para Zimbábue), que permitem a formação de grupos de estudos, cursos de formação, participação de eventos e diálogo sistemático e publicação na revista *Agrarian South*.

Lélia Gonzalez: vida e obra

Um de seus investimentos de pesquisa e contribuição intelectual tem sido a partir dos estudos relacionados à trajetória e obra da intelectual e militante Lélia Gonzalez, cujo trabalho, além de ter influenciado estudos e engajamentos de mulheres e homens negros(as) dentro e fora da academia desde os anos 1970, vem sendo “redescoberto” nos últimos anos. A publicação dos livros “Lélia Gonzalez”, escrito em conjunto com Alex Ratts e publicado pela editora Selo Negro Edições em 2010 e a organização do livro “Por um feminismo afro-latino americano” em conjunto com Marcia Lima, publicado em 2020 pela editora Zahar são contribuições fundamentais para a retomada da leitura da obra de Lélia e a valorização de sua contribuição como feminista negra e antropóloga/ intelectual. Você poderia nos contar como surgiu seu interesse pela trajetória e obra de Lélia Gonzalez? Como foi a experiência da edição das duas obras?

O meu interesse por Lélia Gonzalez começou no início do século XXI, quando passei a frequentar grupos de pesquisa na Universidade de São Paulo. O ambiente intelectual de um setor da USP, na área de sociologia, estava muito interessado em autores e autoras negras. Conheci Gonzalez por meio de uma amiga baiana e antropóloga, Thayna Pereira, que me colocou em diálogo com Luiza Bairros. Além de ter me apresentado os primeiros textos dela, Thayna me incentivou a pesquisar Lélia Gonzalez.

Fiz minha primeira incursão, junto com uma amiga do curso de letras, Adriana de Cássia Moreira, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2002, quando tive acesso aos seus manuscritos e o acervo pessoal de Gonzalez. Conversei com amigos, militantes e conhecidos da autora. Desse primeiro encontro, desenvolvi um projeto de iniciação científica sobre alguns dos textos dela. No ano de 2004, o professor Alex Ratts realizou um curso sobre o Pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez no Copene¹ (Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as) em São Luis do Maranhão. Ele me convidou a participar desse evento. Eu e minha amiga, Adriana de Cássia Moreira, apresentamos a nossas interpretações sobre a obra da autora naquele evento, que contou com uma audiência bastante interessada. Como era ainda graduanda foi uma experiência desafiadora!

No retorno, continuei a estudar a vida e produção acadêmica de Gonzalez enquanto concluía minha graduação. Lembro-me também de ter apresentado meu trabalho numa mesa a convite da professora Eva Blay, no ano de 2006. A proposta de Blay, no Núcleo de Estudos sobre a Mulher era apresentar às pesquisadoras da USP a abordagem do feminismo negro. Foi assim

¹ Trata-se de um evento anula organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN



que o pensamento de Lélia Gonzalez foi posto em contraste com o pensamento da filósofa Angela Davis naquele evento. Naquela ocasião, percebi que o pensamento de Gonzalez chamava muito a atenção das e dos estudantes universitários. A audiência para o evento contou com muitos estudantes da USP, mas também interessadas e interessados de outras instituições universitárias e teve o interesse de estudantes africanos que viviam no Brasil.

A escrita do livro Lélia Gonzalez só veio a acontecer no ano de 2009, quando ainda realizava o mestrado e meu colega, Alex Ratts, então professor da Universidade Federal de Goiás, me convidou para essa parceria. Tratava-se de uma encomenda da Selo Negro, da editora Summus, que na ocasião havia incorporado o projeto da pesquisadora Vera Benedicto. Vera era da área de comunicação e via um grande potencial na produção de livros sobre intelectuais negros. Ela dirigiu a coleção Retratos do Brasil Negro, na qual se encontra o projeto da trajetória e perfil de Lélia Gonzalez, que ficou a cargo de Alex e eu. Para esse livro, fizemos nova pesquisa documental e entrevistas em São Paulo e Rio de Janeiro. Publicamos o livro em julho de 2010.

Em 2020, em plena pandemia, eu e Márcia Lima, coordenadora e idealizadora do Afro-Cebrap, apresentamos uma proposta para a Zahar, que aceitou publicar o livro dos escritos de Lélia Gonzalez. A ideia era reunir tudo o que tínhamos da autora para que o público brasileiro mais amplo a conhecesse. Para essa pesquisa, contamos com Pamela Camargo, uma assistente de pesquisa, para nos ajudar a organizar e sistematizar a produção de Gonzalez. Contamos ainda com uma equipe profissional da ZAHAR que trabalhou muito bem na edição e revisão de todo o material. Nessa pesquisa, avançamos na publicação de materiais inéditos e ainda na tradução de textos importantes de Gonzalez em outras línguas e que não tinham ainda sido traduzidos para o português. Nesse trabalho acadêmico, conseguimos colocar à disposição do público uma reunião com grande parte da produção intelectual da autora, mostrando a diversidade, qualidade e abrangência de sua obra.

Qual você acredita ser a principal contribuição do trabalho de Lélia para o momento atual e de que forma vem influenciando a atuação acadêmica e política das atuais gerações de pesquisadoras e militantes negras? Como você percebe a importância da ideia de amefricanidade para o contexto atual de estudos e lutas que enfrentam o colonialismo e as colonialidades? Tendo em vista as pesquisas que realizou sobre ela, você acredita que ela se reconhecera no lugar de referência para parte considerável das autoras e autores que integram hoje esse campo de produção de conhecimento? Na sua opinião qual é a importância de redefinirmos ou propormos novos conceitos como fez Lélia com amefricanidade e pretuguês, por exemplo? Isso pode nos ajudar a avançar na disputa de narrativas que envolve o debate sobre pautas raciais no Brasil?

Gonzalez nos legou alguns conceitos que merecem nossa atenção. O primeiro deles tem escopo global, maior escala e maior abstração. Trata-se do conceito “Racismo por denegação” que tem inspiração na socioantropologia e na psicanálise. A partir desse conceito a autora coloca em diálogo duas grandes áreas do conhecimento e busca entender o mesmo fenômeno que Grada Kilomba, que dedicaria ao assunto mais de três décadas depois da produção de Gonzalez. Ambas as autoras se interessavam pelo fenômeno do racismo que não assumia características frontais e abertas, mas buscava afirmá-lo por sentenças na negativa, por exemplo: “Não somos racistas”; “Eu não sou racista, tenho até uma amiga negra”. Frases como essas são tidas pelas autoras como evidências de uma estrutura cultural que tem o racismo como linguagem das relações sociais, contudo marcado pela negação de si mesmo. Essa forma de ocultamento intrigante é estudada por Gonzalez no plano estrutural e das grandes narrativas e discursos, enquanto Grada o estuda no âmbito do cotidiano, das relações interpessoais.



Flavia Rios

Já a categoria ameafricanidade foi mais bem desenvolvida em seu artigo “A categoria político cultural da Amefricanidade”. Gonzalez, com essa terminologia teórica e histórica, busca superar o nacionalismo metodológico, ultrapassando as barreiras territoriais, linguísticas e ideológicas das Américas. Trata-se, antes de tudo, de uma categoria anti-imperialista, ou seja, que busca reagir às formulações norte-americanas autorreferenciadas que se impunham sobre as demais partes do continente. Ademais, é uma categoria que tem por objetivo estabelecer bases comuns críticas à formação colonial. *Não se trata, porém, apenas de um termo para nomear a opressão e exploração do período da escravidão, trata-se antes de lançar bases para uma solidariedade cultural e política levando em conta as dimensões de gênero e os elementos étnicos e raciais da América Latina, a qual é chamada por Gonzalez de América Ladina.* Mas é preciso notar que Gonzalez entende por ameafricanos e ameafricanas não apenas mestiços, negros e indígenas, e, sim toda a diversidade de grupos que se formaram na região. Assim, ameafricanidade não seria uma exclusividade étnica racial, embora esses elementos sejam importantes para forjar uma solidariedade e uma imaginação coletiva que contemplem o corpo político e social que pertence a comunidade ladino-americana.

Quanto ao conceito pretuguês, ele está associado a uma reflexão no âmbito nacional, particularmente diz respeito à formação social brasileira, seja em termos da dominação colonial, seja em termos das suas formas de resistência e, especialmente, a sua subversão. O pretuguês, então, é uma forma de subversão por meio da linguagem, não apenas no campo do idioma – embora a língua seja uma das formas de sua expressão. A autora atribui às mulheres negras – especialmente à mãe preta – a responsabilidade de transmissão do pretuguês para as brasileiras e brasileiros, ou seja, a língua portuguesa africanizada pela sabedoria daquelas que garantiam a reprodução social da vida e a iniciação ao mundo da linguagem. Suas contribuições para pensar o pretuguês baseiam-se na combinação de análise do social e da linguagem, valendo-se tanto de categorias da antropologia como da base epistemológica da psicanálise, em particular a abordagem lacaniana aplicada ao mundo da cultura.

Em seus ensaios, recentemente traduzidos para o português e publicados no Brasil, a intelectual e feminista negra estadunidense bell hooks chama a atenção para as dificuldades em torno da escrita que atravessam a trajetória de escritoras negras. Segundo ela, há, pelo menos, uma dupla dificuldade enfrentada: em primeiro lugar aquela que gira em torno de uma domesticação da linguagem que, para fazermos uma ponte com a realidade brasileira, deixaria de fora o “pretuguês” como possibilidade de pensamento e reflexão. Em segundo lugar, há uma forte interdição editorial que faz com que mulheres (e homens) negras sejam menos publicadas e, portanto, menos lidas e menos conhecidas. Você está de acordo com as reflexões trazidas por hooks? Como as vê tendo em vista a atual onda de publicações de autoras e autores negros no Brasil, entre elas(es) Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Sílvio Almeida e Djamila Ribeiro?

É preciso contextualizar e entender os mecanismos de exclusão das sociedades. Embora o racismo e o sexismo desempenhem um papel fundamental na estrutura de exclusão em diferentes contextos nacionais, isso não deve nos levar a simplesmente à importação de explicações para as realidades específicas. Diferentemente dos EUA, o Brasil conseguiu manter por um século a ideia de que éramos uma democracia racial. E por um bom tempo lutou-se no país pela ideia de que havia uma literatura negra; algo que se estabeleceu nos Estados Unidos desde o contexto abolicionista, quando os ex-escravizados já produziram biografias importantes para sustentar uma narrativa moral, de autoria negra, contra a escravidão. Ademais, a própria existência de universidades negras garantiu a formação de uma intelectualidade negra estadunidense em



diferentes áreas do conhecimento. No Brasil, a produção negra considerada de alta relevância foi lida como literatura brasileira. É muito recente a construção de um campo legitimado do que seria uma intelectualidade negra, e não apenas escritos de ativistas, ou ainda algo que dissesse de nossa brasilidade, ofuscando e diluindo a autoria negra. Apesar desse ter sido o padrão dominante no século XX no Brasil, considero que neste novo século, especialmente na última década essa interpretação mudou, ganhando força a produção, o mercado e o consumo de livros de autoria negra enquanto uma produção de escritores, artistas e intelectuais negros e negras.

Eu penso que na última década uma onda de produção de literatura feminista impulsionou a produção de intelectuais negras brasileiras e estrangeiras. No Brasil, em particular, o fenômeno verdadeiramente novo foi o das grandes editoras publicarem autoras negras nacionais, em particular suas produções ensaísticas e literárias. Na verdade, o mais significativo foi a produção em maior escala, já que antes apenas uma ou outra autora tinha destaque. Acho que a mudança no país deve ser explicada por um conjunto de fatores: 1) a grande politização nacional, que teve o tema do racismo e da questão de gênero como assuntos centrais; 2) a mudança do perfil discente universitário, abrindo uma nova onda de público consumidor de livros (a universidade tornou-se mais negra, mais feminina e mais popular); 3) o impacto das redes sociais e a circulação de conteúdos fora da centralização dos grandes meios de comunicação e das livrarias, o que gerou necessidade de absorção dos temas e das novas agendas e interesses dessa nova geração como estratégia de ampliação de público e modernização da produção gerando simultaneamente autores e consumidores negros; 4) grande politização internacional seja no âmbito civil global, seja no âmbito das universidades (boa parte desse debate internacional pode ser lido na chave do anticolonialismo), o que também impacta um país como nosso que é marcado por uma política massiva de tradução de livros.

Em seu texto clássico “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (1984), Lélia Gonzalez propõe o que poderíamos perceber como fundamentos para uma perspectiva interseccional de análise. Em sua opinião, qual foi a maior contribuição da autora para a conformação dessa perspectiva?

Como Angela Davis, Gonzalez pensava, na virada dos anos de 1970 e 1980, sobre a importância de se observar a discriminação em suas múltiplas dimensões, em particular àquelas que se referem às formas de dominação e exploração capitalistas, sexistas e racistas. Racismo, capitalismo e sexismos como três sistemas cujos impactos são mais bem observados na experiência de exploração e de subordinação das mulheres negras, mas também perceptíveis nas formas pelas quais elas elaboram suas formas de resistência. Não seria possível entender a agência das mulheres negras sem saber o modo como esses sistemas de dominação/exploração impactam suas vidas, suas experiências, suas formas de subjetivação, suas condições materiais de vida.

Ambas deram importância ao entendimento histórico da violência colonial e suas interfaces com o capitalismo e o patriarcado. Gonzalez, no entanto, tinha ainda o desafio de mostrar que o capitalismo na América Latina não era o mesmo dos países centrais. O caráter periférico do Brasil na economia global colocava outros impasses para entender a particularidade da hiper exploração no país e seus impactos sobre os trabalhadores negros e negras, em especial a mulher negra. Ademais, o próprio colonialismo no país tinha configurações próprias, notáveis nas suas ideologias de acomodação racial, o embranquecimento e a democracia racial. O capitalismo dependente, bem como o racismo por denegação são os sistemas específicos que forjam um tipo de patriarcado com essas marcas de racialização próprias das nações que negam o



conflito racial, mas mantem rígidas estruturas de desigualdades. Ademais, o fator demográfico, ou seja, o grande contingente populacional de negros no país é outro desafio interpretativo para o país. Como pensar essas estruturas de dominação cambiáveis sem desconsiderar o fato de que estamos diante de maiorias negras, e não minorias racializadas?

Essas perguntas, com base em uma teoria complexa, ou seja, de matriz interseccional, que parece ser um dos grandes legados da autora. E que tem gerado boa parte de sua recepção atual no Brasil e em outras partes do globo.

Feminismo negro e interseccionalidade

Em alguns de seus textos, você assume a perspectiva interseccional como “categoria incontornável no debate acadêmico da atualidade” (Rios e Sotero, 2019. p.1). Há algumas críticas a essa abordagem, proposta inicialmente por Crenshaw, que entende as opressões como eixos discriminatórios que se sobrepõem ou se entrecruzam criando essas intersecções em uma espécie de hierarquia. Essas críticas se centram no fato de que uma análise de base interseccional seria muito cartesiana para entender um esquema de opressões que poderia ser, na realidade, uma estrutura de poder única - uma supremacia branca eurocêntrica que se sustenta a partir do racismo e que tem como características o machismo, a homofobia, o capacitismo etc. Outro ponto se centra no fato de uma análise interseccional supostamente colocar em pé de igualdade opressões de naturezas muito distintas, rebaixando o racismo a uma espécie de discriminação, por exemplo. O que você poderia nos dizer em relação a esse debate? Há a possibilidade de conceber uma hierarquia de opressões ou devemos pensar, como propõe Audre Lorde, no sentido de não haver uma hierarquia?

Ao que parece esse debate sobre a hierarquização das opressões já foi superado mesmo no pensamento de Crenshaw. *Me parece que o debate agora é que a interseccionalidade é uma abordagem multidimensional que se só pode ser inserida numa teoria complexa do social. Ou seja, trata-se de uma abordagem que pressupõe a interdependência dos fatores determinantes e centrais para gerar desigualdades, estratificação social e desvantagens sistêmicas numa dada sociedade, com implicações macrossociais, organizacionais e até mesmo subjetivas.* Embora não tenha sido elaborada inicialmente como uma teoria do sujeito, a interseccionalidade, como uma teoria dos sistemas de opressão e exploração deve ser entendida também como um modelo que busca compreender quais são os fatores determinantes para uma dada situação de desempoderamento, desprestígio e de subordinação, como esses fatores se relacionam mutuamente? Inicialmente essa perspectiva interseccional, de fundamento materialista, forjada nos anos de 1970, já pressupunha que pelo menos o patriarcado, o capitalismo e o racismo eram os sistemas estruturantes das hierarquias sociais. E que qualquer tentativa de compreender o social e de superar o atual estado de coisas dependeria de sua análise em conjunto, isto é, da análise dessa dinâmica de co-dependência e de estruturação mútua. Ou seja, esses sistemas não andam em paralelo, mas, antes, estão interseccionados.

Na atualidade, o uso do termo interseccionalidade pode ser entendido analiticamente a partir de algumas dimensões. A interseccionalidade tem sido estudada por três registros principais: 1) como conceito das ciências sociais e jurídicas; 2) como ferramenta de intervenção política; e 3) como identidade coletiva.

Do ponto de vista teórico e conceitual, originalmente cunhado pela professora Kimberlé Crenshaw, a abordagem interseccional nasce do feminismo negro norte-americano, que se



recusa a analisar a desigualdade no singular. A partir disso, as múltiplas formas de opressão sociais e produção de desigualdade são levadas em conta numa abordagem multidimensional, como raça, gênero, classe, religião, sexualidade, nacionalidade, geração.

Antes que eu me esqueça, é preciso desfazer o engano de que a interseccionalidade dá conta do somatório das desvantagens sociais, culturais ou econômicas. Ou seja, não se trata de mensurar o sofrimento social, trata-se de analisar as causas múltiplas das desigualdades, seja qual for a sua natureza, sem pretender hierarquizá-las.

Já a interseccionalidade como ferramenta de intervenção política abarca as variáveis que, em conjunto, seriam capazes de revelar os pontos em que as desvantagens se tornam mais cruciais para um dado grupo social. A partir dessa identificação, são tomadas decisões relacionadas às concepções de políticas públicas, entendidas como instrumentos de intervenção social com vistas a promover a equidade.

No que se refere à construção da identidade coletiva, a interseccionalidade apresenta-se como uma rejeição ao feminismo do tipo branco e liberal, que ignora a situação da mulher negra, e é uma forma de criticar a insuficiência do componente de gênero e da sexualidade no feminismo negro mais tradicional.

No que se refere à construção da identidade coletiva, a interseccionalidade apresenta-se como uma rejeição ao feminismo do tipo branco e liberal, que ignora a situação da mulher negra, e é uma forma de criticar a insuficiência do componente de gênero e da sexualidade no feminismo negro mais tradicional.

No contexto mais amplo da América Latina, o debate da interseccionalidade encontra no diálogo com as teorias decoloniais, especialmente em sua interface com o pensamento feminista, espaços para a produção de reflexões que consideram aspectos estruturais e dinâmicos da colonialidade do poder associados aos eixos de opressão. Akotirene (2018) chama a atenção para a apropriação da perspectiva interseccional pelo pensamento neoliberal, esvaziando sua contribuição da sua força conceitual crítica. De que forma você analisa as tensões colocadas para o debate sobre interseccionalidade dentro e fora do universo acadêmico? Em que caminhos é possível investir para que sua força conceitual crítica não se perca? Na sua opinião, qual vem sendo o lugar a incorporação de outros eixos de opressão (como geração e sexualidade) para o avanço da perspectiva interseccional? E de que modo a interseccionalidade vem influenciando as agendas e repertórios de movimentos sociais contemporâneos, em especial do feminismo negro?

No artigo que Regimeire Maciel e eu escrevemos em 2017, mostramos que o termo interseccionalidade havia se tornado uma ferramenta presente nas formas de ação coletiva de mulheres jovens, das novas gerações de ativismos, e que uma das características mais notáveis dessa nova geração era a sua capacidade de tornar categorias de raça, classe, gênero e sexualidade interdependentes. No feminismo negro mais tradicional no Brasil, a sexualidade aparecia em segundo plano. Para essa nova geração do século XXI, sexualidade tem o mesmo peso e valor analítico que as demais categorias. Nesse sentido, as novas gerações parecem ter estabelecido de forma mais evidente que as gerações anteriores a centralidade da sexualidade para a estruturação das desigualdades e também das subjetividades contemporâneas.

Noutro artigo que escrevi com Arlene Ricoldi e com Olivia Cunha mostramos que o debate interseccional havia ganhado corações e mentes de alguns expressivos segmentos dos feminismos brasileiros – independentemente de ele ser negro ou não. Mostramos que na pro-



Flavia Rios

dução acadêmica de orientação feminista e também nas mobilizações de rua, bem como nos novos coletivos universitários e ainda nas organizações feministas e de mulheres no país, havia uma forte inclinação de pensar de forma interseccional o feminismo, buscando superar as hierarquizações de categorias de opressão, com o objetivo de problematizar e enfrentar o racismo no interior dos movimentos sociais.

Referências

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988b, p. 69-82.

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. **Cobogó**; 1ª edição (18 junho 2019)

RIOS, F. PEREZ, F e RICOLDI, A. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. In: **Revista Lutas Sociais** v. 22 n. 40 (2018): 130 anos da abolição - cativo acabou?

RIOS, F. e MACIEL, R. Feminismo negro em três tempos: Mulheres Negras, Negras Jovens Feministas e Feministas Interseccionais. In: **labrys, études féministes/ estudos feministas** julho/ 2017- junho 2018 /juillet 2017-juin 2018.

RIOS, F. e SOTERO, E. Apresentação: Gênero em perspectiva interseccional. In: **Revista Plural** v. 26 n. 1 (2019): Gênero em perspectiva interseccional.

Foto: Lélia Gonzalez de César Loureiro.

